Universidade do Minho
Escola de Arquitetura, Arte e Design

ATELIER 2 A - Território: Da Cidade ao Difuso.

Docente: Marta Labastida

Grupo de pessoas (vindimas). Décadas de 1920/1930. Reimaginar. Coleção fotográfica da Muralha

Introdução

O Atelier 2A-Território permitirá explorar, partilhar e divulgar metodologias e conhecimentos num âmbito internacional porque se integra no PROGRAMA Erasmus+ KA220-HED COOPERATION PARTNERSHIPS IN HIGHER EDUCATION chamado NEW RURALITIES (NERU) em conjunto com diferentes escolas de arquitetura europeias: Université Libre de Bruxelles (Bélgica), Universidade da Coruña (Espanha), Universiteit Po Architektura Stroitelstvo i Geodezija (Bulgaria), Politecnico di Torino (Italia) e ETH Zurich (Suiça).

O interesse comum entre estas escolas de arquitetura coloca de manifesto a necessidade de olhar para aqueles territórios que se tornaram invisíveis no discurso arquitectónico, aqueles lugares mais ou menos explorados, mais ou menos abandonados que formam parte do que denominamos “rural”. Para além de um levantamento da condição rural atual, que mostre os conflitos e as transformações, interessa, sobretudo, questionar quais poderão ser as novas ruralidades e buscar novas formas da unidade rural capazes de coexistir entre a especificidade (ou identidade) local e as dinâmicas globais.

Contexto

A crise ambiental que estamos a presenciar pode ser explicada, em parte, pela não resolvida dicotomia cidade-campo. Ao longo do período moderno tardio, esta relação baseou-se na exploração dos recursos naturais e humanos e no estabelecimento de responsabilidades e capacidades assimétricas e, sobretudo, num esforço ininterrupto de conceituar o campo como espaço subdesenvolvido.

Durante o século XX a "questão urbana" tem sido o paradigma dominante, concentrando a maior parte dos estudos urbanos a nível europeu. Enquanto arquitetos, deveríamos reconhecer que pelo caminho esquecemos de estudar e abordar grande parte do nosso território, nomeadamente o que existia fora das cidades ou das metrópoles. No caso português, inclusive o estudo do território difuso foi maioritariamente orientado desde uma perspectiva urbana tornando a matriz rural existente como espaço subordinado ou apto para urbanizar.

Os aspectos valiosos e as lógicas específicas dos territórios rurais que hoje ainda podemos intuir, foram descartados por serem vistos como discordantes dos padrões de produtividade associados aos territórios urbanos industrializados. Hoje, o abandono rural prevalece, enquanto o crescimento urbano parece dominante. No entanto, essas paisagens rurais desvalorizadas são, na verdade, o resultado de uma coevolução homem-natureza, abrigam biodiversidade e regulam várias funções dos ecossistemas. Recentemente tem surgido alguns exemplos inovadores que mostram sinais de transição em diferentes campos, por exemplo, da energia ou da produção de alimentos, que apontam para uma renovação das relações com o campo que a globalização tinha apagado ou ignorado.

O Atelier 2A Território visa concentrar-se nesses territórios, hoje em grande parte invisíveis nos domínios da arquitetura e do desenho urbano, procurando gerar conhecimento que poderá ser útil na implementação espacial do Pacto Rural (UE, 2021) e do Pacto Verde Europeu. Para além de tornar visíveis estes lugares, o projeto procurará também proporcionar um terreno fértil para práticas inovadoras de aprendizagem e ensino, ao mesmo tempo que pode ser considerado uma oportunidade para implementar visões transversais que falem da interação entre sociedade e natureza, promovendo o contacto direto com outras áreas disciplinares e agentes/atores que habitam ou trabalham nele. Em definitiva, propõe-se apreender desses territórios, não como lugares isolados, mas como espaços articulados e protagonistas de um sistema econômico e de valores global, questionando o seu papel atual e os novos modos de os habitar.

O objetivo principal é visibilizar os territórios rurais existentes e as novas ruralidades emergentes, ultrapassando a atual oposição cidade-campo, e, consequentemente, ajustar e atualizar os conteúdos do currículo dos arquitetos. 'Visibilizar' implica "mapear" de forma específica cada caso de estudo e "mapear" significa reconhecer e identificar a morfologia territorial, a qualidade da acessibilidade, os recursos naturais disponíveis, os tipos de produção, a situação socioeconômica, as tipologias e tamanhos das propriedades, as relações históricas e/ou patrimoniais, os ecossistemas e a eco-diversidade, a interação e o desenvolvimento entre processos naturais e artificiais, o seu metabolismo... assim como as múltiplas controvérsias encontradas entre eles.

O Atelier

Como tem sido habitual, o Atelier 2 A aborda um único exercício por semestre que trata de uma amostra específica de território, neste caso, num ambiente rural português. Uma vez que o Programa Europeu NEW RURALITIES (NERU) está prevista desenvolver-se ao longo de três anos, teremos a oportunidade de trabalhar três amostras diferentes e demostrar que nesse ambiente existem diferenças e semelhanças, mostrando especificidades e processos únicos. Em resumo, construiremos uma visão própria dos territórios rurais do norte de Portugal e encontraremos estratégias para um desenvolvimento sócio-ecológico integrado.

De una maneira sintética, poderíamos destacar três grandes padrões de transformação nos territórios de génese rural que questionam atualmente o conceito e a imagem clássica da ruralidade.

- marcas de ruralidade. Territórios com processos de urbanização intensivo (urbano disperso) onde ainda prevalecem marcas da sua matriz rural mas também atividades e produção. Caracterizados pelo desaproveitamento dos recursos naturais próximos (como é o caso da água), substituição de produções locais, terrenos abandonados. Apresentam grande acessibilidade e proximidade a centros urbanos metropolitanos.

- coexistência entre formas de ruralidade. Territórios com uma maior extensão do espaço rural com transformação intensiva, resultantes dos processos económicos globais que mudam as formas de produção e, em consequência, a morfologia e estrutura geral do lugar. Entre as transformações mais evidentes destacam-se a substituição das formas de propriedade, o mono-cultivo e a dependência de subsídios, despovoamento ou substituição da população, (migração).

- preservação natural que convive com uma ruralidade de subsistência e subsidiada. Territórios que coexistem com a imposição política e de gestão dos limites de preservação com exigências ecológicas. Conseguem manter alguma produção e uma ocupação com padrões rurais tradicionais. Lugares preservados e pouco acessíveis.

Este semestre, escolheremos como caso de estudo, **a Veiga de Creixomil,** em Guimarães onde levantaremos algumas questões genéricas que deverão encontrar respostas específicas através do lugar estudado. O que é um território rural? Qual é a unidade que define a ruralidade dos territórios contemporâneos? Capacidades resilientes de um território rural? Quais são os indícios que apontam para uma nova ruralidade?

Considerando estas questões, desenvolveremos a **1ªFase do trabalho** onde os alunos, em grupos de dois a três membros, deverão construir uma **aproximação crítica e seletiva** a partir da exploração alargada do lugar. Nesta exploração será necessário mapear o processo de aproximação de forma específica, o que significará, entre muitas outras possibilidades:

- mapear o lugar a diferentes escalas, questionar os seus limites para o seu reconhecimento;

- mapear as permanências e as alterações identificadas, questionar os tempos do lugar;

- mapear as relações entre forma, suporte e recursos naturais (nomeadamente a água);

- mapear os processos produtivos e os processos de abandono ;

- mapear a unidade doméstica, a unidade produtiva e os espaços coletivos determinantes;

- mapear as transformações estruturantes e as menos evidentes;

- mapear os conflitos e os potenciais entre sistemas naturais

O ato de mapear permitirá aceder do analise até à proposta de forma contínua, explorando a seleção das questões a medida que se elaboram cada uma das cartografias. A elaboração destas cartografias, determina uma posição crítica e começa a especular sobre novas formas de compreender a ruralidade entrando na **2ª fase do trabalho** que se destinará a **definir e ensaiar um projeto-estratégia**. Um projeto estratégia significa pensar num processo aberto que cruza referências, explora ferramentas, (re)conhece distintas escalas, questiona programas, articula permanências com mutações, aproveita usos e materiais encontrados... Em definitiva, um projeto estratégia determina um campo de relações e de processos, ativando o preexistente e estimulando o possível sem programa nem escala pré-estabelecidas. Faz parte da proposta determinar o âmbito espacial e temporal, o(s) programa(s), os instrumentos e as especificidades que constroem e desenvolvem cada estratégia. Não é possível indicar a priori quais podem ser as soluções, podemos só confirmar que este desafio permite abrir os limites do projeto e da intervenção descobrindo novas oportunidades de atuação.

Cada fase implica a elaboração, a entrega e a apresentação de um documento que registe o processo utilizando todo o material necessário para uma comunicação gráfica eficiente (desenhos, gráficos, organigramas, fotografias, cartografia própria, esquemas, vídeo, etc.).

As principais atividades previstas serão visitas ao local, palestras e sessões especulativas dedicadas ao mapeamento e elaboração de estratégias de projeto na amostra geograficamente delimitada com o objetivo de compreender a lógica sócio-ecológica que a sustenta junto às redes sócio-técnicas e infraestruturas que a organizam territorialmente e para desenhar novos lugares que possam favorecer a transição sustentável desses territórios.

Entre os objectivos específicos do Atelier 2A, destacam-se:

- desenvolver métodos para descodificar a complexidade das áreas rurais, ampliando o conceito e as ferramentas de projeto de arquitetos para intervir nelas,

- promover a transdisciplinaridade no currículo dos arquitetos,

- incentivar a possibilidade de co-produção de conhecimento entre a academia e os atores locais

Este conjunto de objectivos serão sustentados num processo de aprendizagem que articula, simultaneamente, o processo de construção de conhecimento e o processo de elaboração do projeto através de três ações sincrónicas:

- Observar: fundamentado no trabalho de campo e levantamento de questões in–situ. Utilização de uma observação participante onde cada trabalho aplicará um olhar específico e único adequado àquilo que encontra no lugar.

- Associar: para relacionar questões levantadas com conhecimento adquirido de outras disciplinas. Significa criar relações específicas entre distintos conhecimentos. Significa, também, construir novas questões, selecionar e aplicar outros saberes para determinar a aproximação ao projeto.

- Expressar. As duas anteriores ações devem estar sempre registadas através das ferramentas clássicas do arquiteto - o desenho/mapas - incorporando outras como por exemplo textos, fotografias, vídeos, registos sonoros,... Este material original, determinará e organizará a síntese do conhecimento produzido e orientará cada proposta.

Esta prática pedagógica não abdica de pensar a transformação - o projeto - e assume-se enquanto investigação aplicada, em que investigação e ação, análise e transformação se sobrepõem.

A Unidade Curricular Seminário 2 A decorrerá de forma articulada com este Atelier, complementado e reforçando a produção teórica e as leituras necessárias para informar o trabalho prático.

Fotografia da Incubadora de Base Rural (IBR) Veiga de Creixomil (2018)

Trabalho colaborativo e coordenação

Complementarmente ao trabalho desenvolvido no Atelier 2 A, o PROGRAMA Erasmus+ KA220-HED COOPERATION PARTNERSHIPS IN HIGHER EDUCATION prevê organizar regularmente encontros e seminários de intercâmbio entre as distintas escolas europeias para ir construindo um trabalho colaborativo e para captar e analisar as especificidades e divergências territoriais. O trabalho resultante de cada caso de estudo local, no âmbito do Atelier 2 A, ajudará a desencadear uma abordagem comparativa entre os diversos territórios europeus estudados.

RESULTADOS DE APRENDIZAGEM

Selecionar ferramentas de Investigação específica no âmbito do espaço público, a cidade e a sua imagem colectiva. Desenvolver uma ideia de intervenção tendo em vista a realização de um exercício/projeto de síntese.

Resolver um exercício/projeto e explorar a sua representação com peças desenhadas, escritas, imagens...

Explicar e argumentar sobre o exercício/projeto realizado.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CALVINO, I.; Six Memos for the Next Millennium. London: Jonathan Cape. 1993

CARERI, F.; Walkscapes. El andar como práctica estética. Barcelona: Gustavo Gili; 2002.

CERTEAU, M. de; l'invention du quotidien. Union generale d'éditions, collections; 1980.

DELGADO, M., El animal público. Hacia una antropología de los espacios urbanos. Barcelona: Anagrama (Colección Argumentos), 1999.

JACKSON, J. B. A sense of Place, a sense of Time. Yale University Press. New Haven and London, 1994.

LYNCH, K., La imagen de la ciudad . Barcelona: Gustavo Gili, Reprints. 1998.

MAROT, S., Suburbanismo y el arte de la memoria. Barcelona: Gustavo Gili. 2006.

PEREC, G., Espèces d'espaces. Paris: Galilée. 1974.

SMITHSON, A.&P., The charged void: urbanism. ed Monacelli Press, 2005.

SOLÀ-MORALES, M.; De Cosas urbanas. Barcelona Editorial Gustavo Gili, 2008.

WALKER E., (ed.) Lo ordinário. Barcelona Gustavo Gili, 2010

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

A+T (2020), Issue: Village, 282, February-March

A+T (2020) Issue: Is This Rural? Architecture Markers In The Countryside, 53

Architectural Review (2018) Issue: Rethinking the Rural, 1450, April

Bolchover, J. et al. (eds.)(2016) Issue: Designing the Rural: A Global Countryside in Flux, AD-Architecture Design, vol.86 nº4

Bürgi, M.; Bieling, C.; von Hackwitz, K.; Kizos, T.; Lieskovský, J.; Martín, M.G.; McCarthy, S.; Müller, M.; Palang, H.; Plieninger, T.; et al. (2017) Processes and Driving Forces in Changing Cultural Landscapes across Europe. Landscape Ecology 32 (11), 2097–2112. https://doi.org/10.1007/s10980-017-0513-z

Carlow, V.M. (2016) Ruralism: the Future of Villages and Small Towns in an Urbanising World, Jovis

Cividino, H. (2018) Nouvelles architectures agricoles, nouvelles agricultures, Le Moniteur

European Commission, Directorate-General for Research and Innovation, Schellnhuber, H., Widera, B., Kutnar, A., et al. (2022), Horizon Europe and new European Bauhaus NEXUS report : conclusions of the High-Level Workshop on 'Research and Innovation for the New European Bauhaus', jointly organised by DG Research and Innovation and the Joint Research Centre, https://data.europa.eu/doi/10.2777/49925

Fisher, A. et al (2020) Enter the Modern Landscape [exhibition catalogue], Brussels, Bozar Architecture

Harwood, J. (2018) The Green Revolution as a Process of Global Circulation: Plants, People and Practices. Historia Agraria. Revista de Agricultura e Historia Rural, Sociedad Española de Historia Agraria, issue 75, pp 7-31

Hauteforet, L. (2021) Les collectifs néoruraux : une incarnation de l'alternative en milieu rural. Entre invisibilité institutionnelle et médiatisation croissante. POUR 2021/1 N° 239, pp. 151-166

Koolhaas, R.; Bantal, S. (2020) Countryside: A Report (exhibition catalogue: Guggenheim Museum), Taschen

Lin, J.; Bolchover, J. (2013) Rural Urban Framework, Birkhauser

Marot, S. (2020) Taking the country's side : agriculture and architecture (exhibition catalogue), Lisbon Architecture Triennale Polígrafa & Monade.

Ollivier, G.; Magda, D.; Mazé, A.; Plumecocq, G.; Lamine, C. (2018) Agroecological Transitions: What Can Sustainability Transition Frameworks Teach Us? An Ontological and Empirical Analysis. Ecology and Society, 23(2):5. https://doi.org/10.5751/ES-09952-230205

Poulot, M. (2021) Des ruralités en renouvellement. POUR 2021/1 n.239, P. 45-53

Sery, J.; Saunier F. (eds.)(2016) Ruralités et Métropolisation: à la Recherche d'une équité territoriale, Espace Rural et Projet Spatial, 6, Univ. de Saint-Etienne

Stanziani, A. (2021) Capital Terre. Une histoire longue du monde d'après (XII-XXI siecle). Eds. Payot & Rivages

Stringer, B. (2018) Rurality Re-Imagined: Villagers, Farmers, Wanderers and Wild Things, Applied Research & Design

Thorbeck, D. (2016) Architecture and Agriculture: A Rural Design Guide, Routledge

MÉTODOS DE ENSINO

Prática Laboratorial

MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

A avaliação terá como base as sessões de acompanhamento individual e em grupo dos trabalhos, a sua exposição colectiva assim como as entregas formais. As entregas formais pressupõem a apresentação oral e gráfica dos trabalhos.

A Entrega fora de prazo ou a não apresentação oral e gráfica do trabalho, quando não devidamente justificados, implica a classificação de reprovado à disciplina.

Será obrigatória a assistência a 2/3 das aulas.